

A importância ecossistêmica dos animais silvestres em área urbana

Sérvio Pontes Ribeiro

Obrigado. Queria agradecer inicialmente a Dra. Luciana pelo convite, Dra. Lilian por ter ajudado para que isso acontecesse também, é um grande prazer para mim estar aqui e poder contribuir para esse debate tão importante. Mas eu também fico muito grato à Regina Casé, que facilitou o meu trabalho. Minha ideia hoje é poder trazer para vocês um pouco de processos importantes com relação à fauna e um conceito que é chamado conceito de florestas urbanas, então realmente esse vídeo a gente não combinou isso não, mas vai ajudar muito nesse entendimento porque eu quero que vocês me acompanhem nessa ideia, a ideia de que a gente tem e pode conseguir construir um *habitat* florestal em qualquer lugar. Não é porque temos uma malha urbana pavimentada que a gente não deva ou não possa ter uma floresta em associação com essa malha urbana. Isso vocês vão ver, pode permear basicamente tudo que é problema relacionado à fauna de grande porte, a maus-tratos, a tráfico e a questões que têm um fundo psicológico muito importante para nós como pessoas, eu espero que eu consiga ser bem sucedido e deixar isso claro para vocês. Esse sou eu, eu sou professor da Universidade

Federal de Ouro Preto e não tem como eu não fazer essa palestra senão pautado em ecologia, pois é o que eu sou, então eu vou trabalhar inicialmente o conceito do *habitat* e a contextualizar o que é necessário para que um animal esteja ali. Então na palestra do meu colega da UFMG veterinário, ele falava de condições para o comportamento ambiental do animal. Se a gente vai coexistir com a fauna silvestre, e a lei de certa forma nos obriga a coexistir com a fauna silvestre, e o bom senso e a necessidade de sobrevivência também, a gente tem que lidar com as condições de *habitat* e entender o mínimo dessas condições de *habitat* que são necessárias para esses animais estarem com qualidade em qualquer lugar, a degradação ambiental resulta sem nós percebermos ou conseguirmos mensurar em um mau trato, há um mal trato, há um impacto enorme no comportamento, na fisiologia, no stress que o animal sofre e o seu ambiente está sendo degradado. E nós vivemos um grande paradoxo na hora que a sociedade, como a Luciana colocou muito bem, evolui em direção a uma coexistência mais harmônica com as outras espécies. Isso nos põe no impasse do tipo de ambiente que escolhemos e selecionamos para vivermos por uma série de razões ético-ecológicas ou étnico-ecológicas relacionadas, particularmente, a doenças. Vou falar um pouco disso também. Antes de eu falar disso e antes de entrar

na cidade, vamos entrar numa floresta tropical equatorial para vocês verem um pouco, então esse guindaste aí não é aqui em Belo Horizonte, não é um guindaste de obra, esse é um guindaste florestal, para vocês entenderem a importância disso, há um grande projeto mundial que estuda as florestas de cima para baixo, a minha especialidade é o dossel florestal, são as copas das árvores em associação e o que elas produzem. É ali que a vida é gerada, é ali que está a produtividade e a fotossíntese e o desenvolvimento de toda a composição faunística que vai de lá para baixo, para o solo, para as fases de decomposição e que sustentam esse ecossistema. Isso é extremamente importante, há um enorme investimento por trás disso, lá de cima a gente vê a floresta dessa maneira, então isso é a floresta lutando pela luz que está lá em cima. Com espécies que são adaptadas à sombra, embaixo, são as que a gente mais conhece e espécies adaptadas ao sol pleno, lá em cima, quando adultas. Então essas árvores adultas, elas vivem em condição de insolação extrema. Tanto na cidade quanto na floresta. Isso aqui é um 'ficus'. Na floresta, ele é transportado por um animal, ele germina no alto de uma árvore e ele, por uma fase da sua vida, parasita algumas espécies. Mas ele é extremamente importante para gerar uma coisa fundamental, que é a heterogeneidade. Não tem como ter biodiversidade, não tem como ter

função se não tiver diferentes compartimentos na floresta. Então essa ideia de que o animal é importante para a floresta existir, ela é de duas mãos, a floresta é importante também em todo esse processo. Às vezes, é difícil para o leigo entender para que precisamos de um ponto de vista antropocêntrico de tantas espécies assim. Como elas funcionam, né? Mais para frente eu vou falar de uma coisa, que talvez resolva o impasse da abertura desse evento. Talvez animais não tenham deveres, eu não sei os animais domésticos, mas os animais silvestres certamente não vão se encaixar em determinações e imposições que atingem a nossa filosofia existencial, mas se não têm deveres exercem serviços, então esse conceito é um conceito científico extremamente sólido, está aí há mais de 30 anos, que são os serviços ambientais que cada espécie nos traz. Eles não estão lá para servir, né, uma coisa importante quando a gente estuda evolução, as coisas não estão para nada, elas têm a sorte evolutiva de terem sido os melhores naquele momento e aí sobrevivem. Essa sobrevivência, entretanto, resulta em interações e interações resultam em funcionamento, uma quantidade de luz entra, uma quantidade de biomassa é acumulada, uma quantidade de solo é preservada ou criada, uma quantidade de água limpa sai, isso as plantas não fazem sozinhas, fazem com a fauna e isso nos proporciona o nosso *habitat*, é aqui que nos nivela aos ani-

mais, temos que entender o nosso *habitat*, se nós perdermos a noção de que somos um dos organismos vivendo nesse planeta, a gente vai perder a noção da coisa mais séria que tem por aqui. É o único ponto antropocêntrico na visão hoje da ecologia, não estamos prejudicando a vida no planeta, ela vai se virar, ela vai nos superar, estamos definindo o *habitat* que garante a nossa sobre vida, então é claro que as espécies que coexistem nessas mesmas condições sofrerão conosco. Mas, vamos avançar um pouco, continue olhando de cima da floresta para baixo e veja uma série de plantas bem estruturadas, folhas grandes, pegando o sol, com pouco de luz que está ali dentro, extremamente mastigada por insetos. Insetos são a tônica da minha pesquisa e eu vou falar um pouco deles antes de falar dos demais animais. Lembra da folhinha do 'ficus' lá atrás? Olha ela grande aí, essa aqui é uma figueira grande depois de desenvolver e superar a árvore onde ela começou a crescer. Isso é de uma importância tanta que o mundo se une para estudar isso. Esse é um projeto que eu tive a honra de participar, o Ibica. Ele junta arquitetos, baloeiros, escaladores, biólogos das mais diferentes naturezas e criam-se coisas como isso aí, olha, é uma estrutura flutuante que é carregada por um helicóptero e é pousada no alto das árvores para a gente poder ter acesso às copas e desenvolver um monte de estudos ali em cima. Está aí, o

único animal vertebrado que eu vou mostrar para vocês, aproveitem tá? É só esse, a bicho preguiça está aí, e é muito interessante que a gente voltou nessa floresta três anos seguidos e essa bicho preguiça estava nos três anos no mesmo lugar, quer dizer, ela é absolutamente dependente daquele ponto, é quase uma planta também, por isso que eu gosto dele, eu acho, mas é um animal extremamente dependente do sistema, ele é em si um 'hotspot' de diversidade, ele tem uma fauna enorme associada ao seu pelo e ele é, eu pus ele como ícone de tudo que acontece por baixo e que define a existência dele de toda a floresta. Na verdade estudamos isso, e isso é 95% das espécies que existem no planeta. Essa floresta... é muito difícil a gente saber quantas espécies existem em um ecossistema, é uma pergunta até o ano passado não respondida de forma categórica pela ciência, esse projeto que a gente participou, estudou insetos em toda essa floresta em diferentes pontos, em vários lugares diferentes, usando diferentes metodologias, a gente teve a chance de colocar na Science, é um projeto de tal importância que a gente conseguiu ser capa da revista e eu posso te dizer que uma floresta equatorial no Panamá tem 25 mil espécies de artrópodes, e 60% dessas espécies de artrópodes estão no mesmo hectare, isso nos mostra que cada hectare é interconectado com outro e cada fragmento de floresta perdido são muitas

espécies que começam a estar sob maior risco de extinção. As 25 mil espécies são de artrópodes, mas nenhum dos vertebrados com os quais as senhoras e os senhores estão mais preocupados sobreviverão sem esses artrópodes, então a gente tem que pensar na árvore, no inseto, para pensar nos animais com que esse encontro está preocupado, ok? Eu gosto também, depois de descer na floresta de mostrar essa foto aí, isso lembra alguns dos pátios centrais de prédios extremamente chiques aqui em Belo Horizonte, isso é muito interessante, plantas tropicais nos remontam riqueza, nos remontam uma beleza estética que tem a ver com exuberância, eu vou voltar nessa questão do dinheiro porque não tem jeito de a gente lidar com a sociedade sem lidar com ele, então a beleza de um sub-bosque nunca me impressionou num prédio porque eu a conheço na floresta, mas é curioso que os prédios, os paisagismos de interior de grandes edifícios, simulam esse ambiente, uma coisa para a gente pensar. Outra coisa interessante para a gente pensar é com relação às árvores na cidade, é como que a árvore se estrutura e se posiciona na floresta, isso é fundamental se você pensar em mobilidade dos animais, dá uma olhada nessas árvores aí. Eu vou dar uma outra visão, eu não sei se eu vou conseguir apontar dessa posição, mas vejam como as copas não se encostam, as árvores são tímidas, isso se dá ao fato de que elas preci-

sam lutar por luz, como elas precisam de luz elas não podem na verdade ficar entrando a copa uma na outra, então elas evitam esse contato, isso se chama timidez de copa. De fato é um fenômeno, olha só, você identifica cada árvore na paisagem, porque elas constroem esse espaço, se você voltar naquela história da floresta primária por cima é mais fácil a gente entender, essa é primária, primária no sentido o quê? Está aí há mais de cem anos, a gente sabe que isso é no Canal do Panamá, essa composição das copas e essa timidez cria a proximidade máxima possível e uma coisa importante para a gente na cidade, cria a estabilidade dessas copas, as árvores que crescem assim, crescem muito próximas e muito próximas, elas se equilibram uma as outras e equilibradas umas às outras próximas, elas criam continuidade do *habitat* de doação, isso é fundamental para a diversidade. Quando a gente tem liana na floresta, a gente vê o quanto que isso é importante. Olha de baixo como é que fica, olha que interessante. Isso é cientificamente conhecido como timidez de copa, elas de fato não se encontram, olha essa volta delas olhando de baixo e guarda essa foto na sua memória. Outras coisas relacionadas à floresta são outros recursos que ela vai criando e que alimentam um conjunto enorme de organismos na paisagem. Eles passam a ser importantes não só para os animais de porte maior, os vertebrados, que os

senhores e senhoras estão preocupados, mas para nós também, a nossa saúde como vertebrados, depende de uma série de interações que minimizam riscos da gente adoecer no ambiente em que vivemos. Olha lá, frutos são recursos também que esses animais necessitam como a gente viu, estrutura de microclima, umidade que permite esse musgo estar crescendo aí, tem a ver com o quê? Com sombreamento, com gradiente de temperatura e umidade, uma série de coisas, a gente tem uma ideia e isso passa um pouco pelas coisas que eu quero falar de que para ter saúde, a gente tem que se isolar e afastar um pouco dos animais que nos causam riscos, isso é uma mentalidade de gente que veio de regiões temperadas para os trópicos, é uma herança cultural de povos e culturas temperadas, enfrentando claro, doenças e contaminações e fungos e micoses e uma série de coisas que não sabíamos como lidar com ela e um pouco da tuberculose também, né, a gente precisava de sol e tinta para uma casa que tinha um tuberculoso, daí as árvores vão sofrer com essa percepção antiga de que precisamos do sol batendo, talvez isso tenha mudado. Olha que espetáculo! Sabe o que é mais interessante dessas fotos, desde aquela de baixo lá? É que todas elas são em Belo Horizonte, então eu já saí daquela floresta equatorial há bastante tempo e vocês não perceberam. Essas são magnólias na Savassi, para quem não

é daqui, é aqui na região centro sul, olha que beleza, três espécies de árvores diferentes, escalonadas em crescimento compondo uma copa contínua uma à outra. Aqui a gente tem um sistema diferente, é uma espécie só, uma espécie importante, a magnólia é uma espécie de muita folha, uma espécie primitiva, mas a gente tem aqui um dos maiores problemas urbanos, olha o fio elétrico ali passando. Lembra que as copas são tímidas? Então elas fecham em si quando elas fecham em si, umas às outras, elas criam uma estabilidade ao longo do eixo do tronco, isso evita que elas caiam, as pessoas não sabem porque que as árvores caem muito, não tem como negar, a culpa é da Cemig, desculpem, mas é, ela abre a copa de uma maneira tal, que, olha, se eu quiser derrubar uma árvore eu fazia o que se faz, a fiação é um problema, não pode ser feito dessa maneira, isso é um problema para a construção do quê? Desse contínuo de *habitat*, agora se ponha no lugar dessa fauna e pense nos maus tratos e naquele último item da palestra do meu colega: condições para o seu comportamento ambiental se manifestar. A continuidade para a movimentação de qualquer organismo passa a ser um fio elétrico e não as copas das árvores então isso ou árvores isoladas criam refúgios que essa fauna vai procurar na cidade, onde ela vai adoecer, onde ela vai sofrer riscos e alguns outros problemas similares. E pensando

em nós como animais, não é melhor ver uma cidade dessa forma? Você não pode tirar de perspectiva, né, eu poder olhar para uma área, isso é um lugar de muito trânsito, mas se você olha na hora certa, no momento certo, é isso que você vê, você vê um bosque do outro lado ali, olha, Três Corações do outro lado, quem não é de Belo Horizonte, eu lhes convido a passear nesse lugar, vale a pena e vamos falar do porquê que esse lugar está sendo mais falado que outros daqui a pouco também. Organismos colonizam essas árvores, claro, senão era um jardim e não era uma floresta, e nós precisamos desses organismos, essas bolotas nesse tronco são brocadores, essa árvore tem mais de cem anos, ela adoece gradualmente, isso é importante, porque esses brocadores criam condições de *habitat* que outros animais vão utilizar também, não há nada de errado com isso, isso não causa queda, o que causa queda é mau manejo. Aqui a gente vê outra questão, uma árvore enorme, eu vou apresentar essa árvore depois para vocês, a timidez de copas se estabelecendo, um grande volume de biomassa, um dos lugares mais agradáveis de se estar num dia quente, ok? Aquele fruto que eu mostrei lá atrás? Está ele aí olha, lá no centro também, numa praça bastante movimentada, não era na floresta. E lembra disso? Que eu mostrei a timidez de dossel de cima e depois eu mostrei de baixo? Adivinha? Olha ela aí. Então nós temos uma flores-

ta urbana, ela está conosco, as árvores que crescem livres de impedimento mesmo que parando nas construções, estabelecem uma continuidade e uma ocupação do espaço que lhes é natural. Árvores não evoluíram, a gente não pode esquecer que *habitat* e ecossistema são frutos de processo evolutivo, eles evoluíram para coexistir lutando por luz, então, eles evoluíram para crescer mais ou menos embolados. A gente pode direcionar isso até certo ponto, mas a coexistência das copas é parte da saúde delas e a fauna que utiliza isso como *habitat* precisa dessa continuidade, isso está entre nós, onde a gente tem um ambiente saudável, isso são praças, se isso é uma praça, olha o que a gente tem, né? Por outro lado, olha que beleza, parece um desenho animado que passou uma bala de canhão assim e atravessou. Como que essa árvore vai durar e como essa árvore pode ser *habitat* de alguma coisa, não tem muita condição. Nem essa também não, essa que vai cair no seu carro, o estado de Minas vai fotografar e colocar na primeira página depois da primeira chuva e vai falar que a culpa é da árvore. Eu vou falar de tempestade no final de uma árvore muito importante nessa história para essa cidade. Voltando nessa foto também, olha lá, no centro ali também, na Praça da Savassi, isso aqui é outra figueira, uma figueira asiática com vários buracos de troncos que foram morrendo, foram caindo e foram retirados, criam ocos e

em ocos a gente tem coruja, em ocos a gente tem ninhos de aves e esses organismos são fundamentais por si, per se, pela sua existência e são fundamentais para a nossa saúde, alguém come as nossas pragas, a gente tem que lembrar disso, uma visão dessa copa por dentro, a magnólia, agora a gente vai ver aquela mesma árvore que eu vi com fio atravessando, num quarteirão que não tem fio, ela fecha bastante a copa, ela é muito interessante, olha só que beleza, isso é uma rua movimentada também. Você pode olhar para ela dessa forma, os arquitetos sabem disso e utilizam isso em seu favor e se você e a população entenderem isso, olha só, as pessoas plantam essas árvores, isso cria novos *habitats*, novos ambientes, novas coexistências. Uma coisa que passa pelo cativado, os colegas da Polícia Militar aí, eu tenho certeza enfrentariam muito menos, os policiais aqui o pessoal da Polícia Civil, muito menos problemas com captura e tráfico de animais silvestres se a gente não tivesse a necessidade de tê-los conosco. Então a questão social é profundamente séria aqui, nós precisamos desse contato. E como é que a gente faz com esse contato? Outra coisa, só 'en passant', e quanto valem essas coisas para nós? Esse local que eu estou fazendo questão de mostrar é um dos metros quadrados mais caros de Belo Horizonte. Seria caro se fosse devastado? Seria caro se não tivesse essa aparência que tem? Então a gente não faz essa

relação racional, mas, bem estar, arborização e animais têm a ver com cidade e a gente tem uma crise com essa relação, com esses animais. Bom, deixa eu mostrar um pouco de dados, um pouco de biologia, eu prometo não aborrecê-los muito com isso. Isso é um trabalho de mestrado de uns anos atrás, a gente estudou dois organismos muito importantes para a saúde do ecossistema urbano, abelhas e vespas. Abelhas são polinizadoras, eu não sei se vocês sabem, uma variedade de mel dos mais caros que existem no mundo é o mel parisiense, os telhados dos prédios de Paris hoje produzem uma quantidade enorme de mel, então grandes colmeias de abelhas coexistem com a população de Paris produzem um mel espetacular, livre de agrotóxicos, livre de uma série de problemas que você tem com o mel associado à agricultura. Então, a gente estudou abelhas e vespas... Vespas são predadores importantes nas praças de Belo Horizonte. Então a gente pegou a praça que é um ambiente uniforme, fomos lá da Pampulha até o centro-sul, Pampulha é uma região mais nova, né, da década de 50, 60, e o centro-sul está aí com mais de 100 anos de idade, não dá para você ver, mas o que esse gráfico está te mostrando é que a estrutura do *habitat* que você tem junto à cidade na Pampulha é muito diferente, isso aqui, os quadradinhos são a região centro-sul, o triângulo e a bolinha são áreas da Pampulha, são

muito diferentes em *habitats*, muito diferente de fauna com a região centro-sul. A princípio, quem conhece Belo Horizonte sabe que a Pampulha é mais arborizada, tem mais área verde, tem mais terreno vago, tem mais capim, mais capim e mais capim e mais capim. E vai achar que a Pampulha tem mais bicho, porque tem mais área verde... não, tem mais cor verde, é diferente. A gente viu, na verdade, que as espécies raras exigentes de abelhas só existiam na zona sul. Quando você vê esse gráfico, ele relaciona ali no eixo Y, no eixo em pé, a riqueza de espécies e no X, na horizontal a estrutura do *habitat*, olha, dois dos pontos, três dos pontos mais importantes estão na zona sul. Por quê? Árvores velhas. Árvores de grande porte causam uma diversidade, uma presença de espécies absolutamente exigentes, difíceis de serem encontradas na natureza dentro de Belo Horizonte. Vamos falar dos bichos que vocês querem ouvir falar e vamos falar dessa questão, se não tem dever, mas prestam serviços, né? Essas são aves que você encontra aí em Belo Horizonte, são aves que na verdade você encontra no meu quintal, todos esses pássaros são insetívoros em alguma escala, então eles exercem um papel importante que a gente chama de pressão 'top-down', eles equilibram essa floresta urbana por predarem os insetos, os insetos são necessários, estarão lá, mas se não houver a fauna de vertebrados eles viram

praga. Belo Horizonte enfrentou duas pragas enormes. A gente está aí lutando contra a mosca branca nos ficus antigos dessa cidade, né, e é deliberadamente que eu não estou mostrando o problema dos ficus de Belo Horizonte que eu quero lhes tocar pela beleza das áreas preservadas e não pela catástrofe ambiental que estão virando as podas e o problema que aconteceu com esses ficus, mas por que tivemos esse ataque, porque o inseto tomou conta de árvores centenárias? Pavimentação extrema, ambiente insalubre e falta de fauna, ok? Se você vai para os psitacídeos, eles são dispersores de sementes, Belo Horizonte tem várias espécies de psitacídeos, aí volto para os colegas militares que têm que enfrentar lá na frente os colegas da Polícia Civil. As minhas filhas nunca me pediram papagaio, porque elas têm papagaio em volta de casa, os periquitos vêm à frente da gente sem cevar hein, eu nem ponho comida para eles, eles vão na ameixeira, vão nas sementes da Eupatária e lá estão. A coexistência com a fauna é necessária, mas se você coexiste com ela, porque ela está onde você está, você não precisa capturá-la. E esse é um paradigma que a gente tem que lidar de uma maneira diferente, a questão da capivara, ora, eu não vou falar de lei aqui, eu não vou ousar falar de lei, mas até onde eu lembro, matar fauna silvestre é crime inafiançável e não há manejo de fauna silvestre no Brasil, que eu saiba eu posso estar en-

ganado, regulamentado para ser feito com caça ou com eliminação, muito menos com extinção local de populações. Então, olha a febre maculosa é um problema, porque a capivara tem a febre maculosa? Tem. Lá no parque do Rio Doce, onde eu trabalho, eu vou lá quase todo mês e fico exposto a isso, à leishmaniose, a uma série de coisas. Então, é motivo para eu acabar com o Parque do Rio Doce? As pessoas estão lá, nós temos que conviver com esses riscos e minimizar a doença em nós, nos animais, ah, mas você tem um volume muito maior de pessoas, uma condição ambiental insalubre. Exatamente. O problema é a condição ambiental insalubre, não é o animal, o animal sofre como nós dessa condição ambiental insalubre na qual ele está vivendo. Aí ele vive, vira um problema? Não, ele sofre esse problema conosco, né? É preciso pensar nisso. Num dos trabalhos que eu fiz, e aí eu vou falar do mico-leão-estrela, do caxinguelê, são insetívoros também e o miquinho, alguns dos meus colegas biólogos falam: “É um problema urbano, você tem que tirar ele, porque transmite doença, zoonoses, uma série de questões aí por trás”. Eu orientei um trabalho com o *Aedes Aegypti*, com o mosquito da dengue, lá em Mariana e Ouro Preto, a gente descobriu que nas áreas verdes que é o ambiente de um dos *Aedes*, tem duas espécies, quase ninguém sabe, né, o *Albopictus* é uma que gosta de mata, mas eu tinha mais

Albopictus na cidade do que dentro da mata e se você pegasse a mesma área urbana com a mata e sem a mata, a área que tinha a mata tinha menos mosquito nas casas porque na mata tem quem coma o mosquito, na mata ele tem competidor, na mata com um bairro, com uma praça, tem menos risco de infecção por dengue do que um bairro sem praça nenhuma. Isso a gente mediu, então essas coisas são relacionadas e não acho que a solução seja aquele sanitarismo dos anos 60 e 70, que temos que nos distanciar da natureza, né? Os mais velhinhos, talvez seja uma revolução geriátrica, os mais velhinhos, minha mãe e meu pai, meu pai viveu cortando as árvores do jardim por causa da folha no chão, hoje eu faço a folha no chão, eu tiro mais de dez quilos de terra de jardim de Belo Horizonte de um quintal quase todo pavimentado, com as folhas que meu pai não gostava. Então tem uma mudança de mentalidade que a gente tem que assumir. Se a gente não coexistir com a natureza nós não vamos coexistir com nada. Não há sobrevivência possível sem essa interação de uma maneira mais agressiva. E uma coisa extremamente importante eu já falei, isso é lúdico, isso depende, a nossa saúde mental depende disso, mais do que o serviço que esses animais prestam, mais do que o equilíbrio e a funcionalidade possível de uma floresta dentro das nossas cidades, eles nos prestam bem estar de existirem, o cresci-

mento com esses organismos. Quem já morou na Europa algum tempo sabe disso, áreas, vizinhanças valorizadas têm pequenos cervos correndo no quintal, tem animais coexistindo. Dão problema? Dão problema, você resolve o problema, mais problema é não tê-los, ok? E a questão desse bem estar passa por isso, olha, você pode olhar para uma área, para uma avenida assim ou você pode olhar para ela assim, você pode olhar para a cidade dessa forma, você pode olhar para a pressão que nós causamos sobre nosso próprio olhar ou você pode gradualmente fazer uma mudança de visão. E se você fizer essa mudança de visão, você vai entender a fauna e associação com essa floresta urbana. A audiência pública que eu tive com a Lillian... foi um grande prazer participar dessa audiência, eu falei um pouco de improviso sobre envelhecimento e nós, pensando na nossa espécie. Eu falei das árvores velhas, em defesa a essas árvores velhas, a gente está aí, né, o movimento Fica Ficus, é o movimento da sociedade organizada que surgiu espontaneamente em torno desse problema dos ficus em Belo Horizonte, já temos uma ação aqui, né Dra. Lilian? Junto ao Ministério Público, pedindo uma revisão da postura da prefeitura com relação à arborização, e nessa audiência pública eu falei de velhos e de árvores velhas, essa visão sanitarista, ela prevalece hoje na prefeitura em grandes, na maioria das cidades do Brasil,

isso não é um problema de Belo Horizonte, a ideia de que você tem que retirar as árvores, ter árvores novas, ter árvores que correm menos risco de cair, ter árvores menores, mas a verdade é, se a gente tiver árvores menores, se a gente arbustizar a cidade, a gente vai perder muita fauna e vai perder muita saúde ambiental também. E eu estava pensando nisso ontem revendo a apresentação e ouvindo Glória Bonfim, é uma sambista espetacular, né, eu estava ouvindo ela e ela começou... há uma música que ela falava da gameleira branca e da santificação da gameleira branca nas tradições afro-brasileiras, aí eu fiquei lembrando dos ameríndios, sempre que os ameríndios santificam um *habitat*, um ecossistema ou um organismo, aquilo tem a ver com ancestralidade de alguma maneira. Aí eu fui estudar. Abri a internet e fui estudar a gameleira branca. Deixa eu ler para vocês isso que encontrei, olha que interessante: “Iroko é uma deidade da árvore velha”, então as árvores velhas na África têm a sua deidade, o seu orixá associado a ela, olha o que eles falam: “Iroko representa a ancestralidade, os nossos antepassados, pais, avós, bisavós e etc., representa também o seio da natureza a morada dos orixás, desrespeitar Iroko, a grande e suntuosa árvore, é o mesmo que desrespeitar a sua dinastia, seus avós, seu sangue. Iroko representa a história do ilê, a casa, a ecologia, o estudo da casa, assim como do seu povo protegendo

sempre das tempestades, as árvores velhas protegem o homem da tempestade, a árvore velha nos marca o tempo”. A gente envelhece, eu vejo aqui que velhos não têm nesse ambiente ainda, mas nós, quando estivermos todos bastante velhos vamos marcar a nossa existência numa cidade pelas árvores que ainda lembrarmos porque os prédios talvez não estejam aí. Então essa evolução da árvore tem a ver com a nossa própria evolução, isso é profundamente natural nas tradições mais antigas da espécie humana. A nossa relação com a existência das árvores é extremamente importante. Em África sua morada é a árvore Iroko, no Brasil onde essa árvore não existe, disse que Iroko habita a gameleira branca que é uma figueira, né? Então a gente vai deixar a cidade perder seus fícus e vai ofender Iroko? A gente precisa de árvore velha, a gente precisa de árvore velha coexistindo conosco. Para terminar eu vou saudar essa aí ó, essa aí é a Sete Cascas da Savassi, e eu falo então, isso é Savassi, todos as fotos foram da Savassi. Infelizmente isso é porque a maioria, a maior parte de Belo Horizonte não tem essa cobertura florestal mais, como a gente viu, a Pampulha que a gente considera bem arborizada tem perdas substanciais de espécies exigentes, elas não coexistem, não vivem lá. Santa Tereza tem menos de 30% da cobertura de arbórea de rua que precisava ter, o Anchieta tem 40%, isso é zona sul, se você for

para Caiçara, São Pedro não tem mais arborização. Então a gente está com uma ilha verde cada vez menor e a cidade está perdendo tudo isso. Essa árvore quase caiu, já tem três anos, ela teria sido derrubada, porque ela estaria sob o risco de queda, há três anos, por causa da urbanização que estava sendo feita na Savassi. Duas senhoras, muito corajosas, a Leda uma arquiteta ligada ao IAB e uma colega minha, Isabel sentaram no pé dessa árvore. Sentaram e falaram que não saíam de lá nem presas, começou-se todo um movimento em torno dessa árvore por causa dessas duas senhoras. A árvore não foi derrubada, foi podada, o canteiro foi reconstruído em torno dela, eu desconstruí o laudo que apresentaram na época justificando a queda dessa árvore e lá está ela, que eu contei enfrentou sete tempestades, ninguém morreu por causa dela e ela cobriu a cabeça de muita gente. Muito obrigado, gente.